

As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930)

Clarisse Ismério¹
Universidade da Região da Campanha (URCAMP- Bagé)

Resumo:

A educação feminina no Rio Grande do Sul foi marcada pela influência do discurso positivista, que elegeu a mulher sua grande guardiã, mas ao mesmo tempo reforçou a mentalidade baseada na moral conservadora que tinha como objetivo tirar a mulher do campo profissional e científico. Restringindo-a ao espaço privado, alegando que era irracional e não tinha controle de seus impulsos. Somente presa ao lar e tutelada pelo homem, poderia exercer uma influência positiva.

Palavras-chave: Educação - Positivismo - Representação

Abstract:

The feminine education in Rio Grande do Sul was marked by influence of the positivist speech, that elected woman as its special guardian, but at the same time, reinforced a mentality based on conservative moral that had the aim of taking woman out of professional and scientific field, restricting her to private space, alleging that she was irrational and was not self-controlled. Only when she was bound to household ad fostered by man, she would exert a positive influence.

Key-words: Education - Positivism - Representation

No período da República Velha o Rio Grande do Sul foi governado por uma elite intelectual que baseou seu discurso político no Positivismo de Auguste Comte. A organização da sociedade era uma das muitas propostas de Comte, pois só assim a humanidade caminharia para o progresso, seu maior objetivo. Para tornar viável o projeto era necessário que a Religião da Humanidade fosse instaurada e substituísse o culto

¹ Doutora em História pela PUC RS.

católico em todas as funções, pois este já se encontrava ineficiente. Exigindo ainda a separação total de Igreja e Estado.

A Religião da Humanidade fundamentava-se em leis naturais, também chamadas leis positivas, que forneciam respostas racionais e científicas para todas as coisas. A cientificidade aliada à industrialização, garantia a modernização e o progresso do país. Mas para isso ocorrer, precisariam manter a ordem social através da *moral* e da *educação*.

O Positivismo fundamentava-se em um discurso conservador, uma vez que, buscava nos vultos e heróis do passado os exemplos para a organização da sociedade, *Conservar Melhorando* era um de seus lemas. Esse resgate servia para justificar as idéias e realizações de Castilhos.

O caráter conservador é observado no discurso referente à mulher. Considerando a mulher responsável pela manutenção da moral e pela realização do culto privado, Comte impôs modelos de conduta feminina baseados na mentalidade patriarcal, formada ao longo da História da Humanidade. A mulher deveria ser a *rainha do lar* e o *anjo tutelar* de sua família e, para atingir esses modelos, seguiria normas preestabelecidas pelo *Catecismo Positivista*, no qual Comte codificou todo o pensamento conservador em torno da mulher.

A vida conflitante de Comte serviu-lhe de base para construir uma filosofia que idealizava um modelo de mulher. Como sofreu várias decepções amorosas, buscou um discurso que de certa forma mascarasse a realidade vivida e projetasse a imagem de mulher que tanto almejava. Em sua idealização buscou arquétipos herdados através de uma cultura que preconizava a mulher dedicada ao marido, aos filhos e a casa. Foi fortemente influenciado pelo pensamento clássico, pelos ditames da Revolução Francesa e por Jean-Jacques Rousseau e pela moral católica medieval.

Aparentemente o Positivismo e a Igreja Católica opunham-se frontalmente. O primeiro fundamentava-se em princípios científicos enquanto que o segundo em teológicos, mas nas questões relacionadas à família, propriedade e moral, ambos tinham discursos semelhantes.

O ponto de maior convergência entre as duas doutrinas era a questão da organização da sociedade baseada na moral autoritária, que se transportava à educação familiar e se completava na escola. Em ambas, a mulher era a guardiã da moral e do culto religioso, resultante da reprodução rotineira de seu cotidiano, onde são transmitidos os símbolos e signos de uma cultura.

Para impor tal postura feminina era necessário que o Positivismo interferisse diretamente na educação da mulher e com isso, de maneira indireta direcionaria as relações e a estrutura familiar. Pois, segundo Comte, a organização de uma sociedade e sua política só seria alcançada através da educação voluntária e planejada.

Clotilde de Vaux, musa de Comte, tornou-se a representação da mulher ideal, considerando-a íntegra, pura, perfeita. Isso ocorreu porque o filósofo nunca a tocou, tornando-a símbolo de adoração com atributos herdados do arquétipo da Grande Mãe. E sua antítese era representada por Caroline Massin, prostituta com a qual Comte veio a contrair matrimônio, foi uma relação bastante conflituosa. A primeira foi moldada a partir do arquétipo de Maria, A Virgem, e a segunda no de Eva, A Pecadora.

Segundo o Catolicismo, para a mulher seguir a nobre missão de difundir a fé católica deveria possuir moral inspirada no modelo da Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, símbolo de mulher sem mácula que se dispôs a seguir os desígnios de Deus, sem nunca questioná-los.

A Virgem Maria e Clotilde de Vaux eram modelos de perfeição e sacrifício feminino e, ao serem comparados, demonstram pontos em comum tanto na sua construção simbólica como na sua representação ou signo. O que vem a comprovar que Comte foi influenciado pelo pensamento medieval católico nas questões relacionadas à moral, organização da família e modelo de conduta de mulher, pois a Igreja foi a grande divulgadora e mantenedora de uma mentalidade de cunho machista e conservador.

A influência começava no casamento, determinando a idade mais apropriada para os noivos unirem-se. Estariam prontos quando alcançassem a maturidade apropriada para assumir tal compromisso.

O casamento também era uma preocupação constante dos médicos sanitários do século XIX, porque era considerado antes de tudo, uma forma higiênica de relacionar-se

sexualmente assegurando a boa saúde da sociedade, que assim não precisaria apelar para as práticas sexuais ilícitas, como a prostituição. Chegando ambos castos ao matrimônio, estariam evitando o perigo das doenças venéreas: a gonorréia e a tão temida sífilis, que eram incuráveis e traziam danos à estrutura social e moral. Sendo assim, o casamento era a única forma de controlá-las e evitá-las, pois garantia uma sexualidade saudável (ENGELS, 1989: 28).

Para os positivistas, o casamento era muito mais que um espaço onde mantinham uma sexualidade saudável, por ser o considerado o alicerce da organização social. Os noivos, além de atingirem idade apropriada para assumir tal compromisso, passavam por um ritual de três meses para aperfeiçoar os laços de conjugais. Ao iniciar esse período o casal fazia voto de guardarem-se castos até o final do ritual, pois o trimestre tinha como objetivo a fusão de almas no seu estado puro, firmado através do *casamento subjetivo*. Durante os três meses os noivos conviviam na mesma casa sem contato sexual, buscando também uma preparação para assumir a nova vida através do comprometimento de ambos, de seguir os sete princípios do Casamento Positivista, que visavam manter uma perfeita a ordem familiar:

Monogamia indissolúvel completada pela viuvez eterna;
Sustento da mulher pelo homem;
Livre desistência do dote; (por parte da mulher)
Livre desistência da herança por parte da mulher;
Superintendência materna na educação;
Liberdade de testar; Liberdade de adotar (HINO AO AMOR, 1902: 1).

Existiam aqueles que buscavam um contrato mais pessoal como o de Ferdinando Martino, *Original Contrato de Casamento*, com suas 24 cláusulas, publicado no jornal *Corimbo*, de propriedade das irmãs Revocada Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, na cidade de Rio Grande:

CONTRATO ORIGINAL DE CASAMENTO

O pai da noiva pede ao futuro genro que marque a data do casamento. Este quer antes esclarecer a noiva alguns itens necessários à felicidade futura do casal. Se ela não quiser se sujeitar ao modo e sistema de encarar a vida conjugal, ficará tudo desfeito. O sogro concorda. E o noivo entrega à moça uma folha de papel com os dizeres:

Nós, abaixo assinados, de pleno acordo e harmonia. Juramos cumprir com a precisa fidelidade até o dia de nossa morte, os seguintes quesitos:

1. Eu, Honorina Gabriela de Almeida, amarei acima de todas as coisas a Deus e a meu marido;
2. Dir-lhe-ei sempre a verdade;

3. Visitarei minha mãe somente no primeiro domingo de janeiro, abril, julho e outubro e. fora disso, quando estiver doente;
4. Nunca revelarei à mesma, nem a qualquer outra pessoa, as faltas de meu marido;
5. Só farei uso das jóias que meus pais e meu marido me brindarem;
6. O meu vestuário será simples e decente;
7. Só irei às diversões do agrado de meu marido, e sempre em sua companhia;
8. Em sua ausência não pagarei visitas e nem abrirei contas senão as indispensáveis, e na janela só permanecerei debruçada curtos instantes;
9. Serei a primeira a erguer-me do leito ao despertar do dia para aprontar o café, arrumar a casa, dar ordens à criada, observar o asseio da cozinha, dos pratos, panelas, xícaras, talheres; limpeza dos aposentos e do pátio; assim como determinar o preciso para o almoço e jantar, e não consentirei que criadas levem trouxinhas para casa;
10. A toda e qualquer hora da noite que meu marido bater à porta, irei abri-la e recebê-lo-ei carinhosamente, sem perguntar-lhe os motivos de sua tardança;
11. Todos os fins de mês apresentarei um relatório da despesa e recibos das contas pagas, para evitar enganos;
12. Cortarei toda e qualquer relação com aquelas pessoas que vierem censurar meu marido, seja no sentido que for;
13. Conservarei sempre sua roupa em boa ordem, sem falta de botões e sem bolsos furados;
14. Serei religiosa e temente a Deus sem fanatismo;
15. Nas palestras de meu marido com seus amigos, só comparecerei ao seu chamado;
16. Se tivermos filhos, serão por mim amamentados, salvo ordem contrária do médico;
17. Estarei sempre munida de uma excelente botica homeopática com um bom autor, que estudarei convenientemente para combater a tempo e hora as moléstias a meu alcance;
18. Quanto à leitura de outros livros, só lerei os que me forem confiados por meu marido.
19. O ciúme, parasita ridículo e vergonhoso, não se aninhará em meu coração;
20. Quando meu marido estiver contrariado, evitarei dirigir-lhe perguntas.
21. Evitarei o quanto possa pedir emprestados aos vizinhos os objetos 'de seu uso doméstico,
22. Quanto às amigas que me visitarem, cuja conversa é sobre procedimentos e ditos de outras mulheres ou mesmo de homens, usarei constantemente água fria na boca, dizendo que estou com dor de dentes...
23. Quando meu marido estiver zangado comigo, quer tenha ou não razão, farei profundo silêncio, e quando houver oportunidade lhe farei ver o quanto foi injusto, ou lhe pedirei desculpa de minhas faltas,
24. E finalmente, prestarei a meu marido plena obediência, gozando e sofrendo com tais revezes da sorte (Flores, 1994: 52-53).

Através da assinatura do contrato matrimonial a noiva comprometia-se a ser uma perfeita “rainha do lar” e “anjo tutelar” de sua casa. A partir dessas determinações, o espaço da mulher ficava restrito a casa, onde deveria dedicar-se exclusivamente ao trabalho doméstico e à educação dos filhos, enquanto o serviço externo caberia ao marido, dependia dele para prover o sustento.

O sustento da mulher pelo homem era considerado por Comte (1988: 77) a principal norma para a ordenar do mundo moderno, porque só assim cada um estaria ocupando o seu devido lugar e cumprindo o seu dever para com a sociedade. Essa norma o

filósofo aplicava a si mesmo. Apesar de separado de Caroline, mantinha-lhe uma pensão mensal, pois legalmente ainda estavam casados.

A mulher deveria ser sustentada primeiramente pelo pai, com o casamento esta responsabilidade passava para o marido e com a morte deste, para os filhos. Caso a viúva não tivesse filhos, seu sustento caberia aos irmãos e, por fim na ausência de familiares, o Estado assumiria o encargo evitando que ela ficasse desprotegida.

O princípio era bastante difundido pelos seguidores do positivismo que, em suas palestras e artigos, justificavam a limitação do espaço feminino, afirmando que o lar era o santuário da mulher onde ela exercia seus deveres e orientava seus entes queridos. Conforme Joaquim Bagueira Leal e Teixeira Mendes:

(...) O santuário de sua ação angélica é o lar doméstico. Nenhuma mulher pode ser desviada para exercer qualquer função fora do lar sem prejuízo de seus deveres de filha, esposa e mãe (LEAL, 1921: 3).

Na sociedade organizada o lugar da mulher é no lar, velando sobre a saúde de seus entes que a humanidade confiou a sua solicitude (MENDES, 1908: 104).

Percebemos em ambos discursos a preocupação de salientar a imagem da mulher como responsável pelas atividades da casa e o zelo pela família; deveria ser realmente a *rainha do lar e anjo tutelar*. Caso optasse por trabalhar fora, cairia em uma desordem moral, pois deixaria de exercer sua verdadeira vocação para ocupar-se de atividades prescritas ao homem, indo contra sua natureza. Uma vez exposta às agruras do trabalho externo, ela e seus filhos seriam contaminados com os problemas que surgiriam, tais como a miséria, a prostituição e desarticulação da família. Como resultado trariam desajustes às novas gerações e uma grande desordem social, prejudicial ao tão almejado progresso. (COMTE: 1988)

Comte não era o único pensador contrário ao trabalho feminino a enumerar os riscos que dele nasceriam. Outros tinham a mesma postura, e consideramos que havia um consenso, provando a existência de uma mentalidade que perpassava a todos a mesma representação simbólica em relação à atividade externa feminina. Por traz do discurso de cada um estava a intenção de tirar a mulher do mercado de trabalho e com isso diminuir a oferta de mão-de-obra, e ao mesmo tempo, valorizar o trabalho e o salário masculino.

O discurso contra o trabalho feminino foi constante na propaganda positivista, procurava sempre destacar o aspecto negativo gerado pela mulher que trocava seus deveres principais por uma profissão remunerada: *Toda a sociedade em que os homens sugam os serviços materiais das pobres mulheres é uma sociedade em desorganização* (LEAL, 1921: 3-4).

Para a Igreja Católica na estrutura familiar a mulher e os filhos deveriam ficar subordinados ao marido, porque ele era considerado um ser superior, o chefe da família que provia o sustento da casa, e por isso deveria ser obedecido e admirado. Segundo Pio XI, este ato não inferioriza a mulher, pois ela tinha seu papel pré-determinado na organização familiar, tinha a nobre missão de ser esposa, mãe e educadora. Era considerada o *Coração*, primado do amor, da mais pura emoção, enquanto que o homem era a *Cabeça*, detinha o primado do governo e da razão (PIO XI, 1951:14).

Assim para que fosse mantida a ordem social e, por conseguinte, o progresso das instituições, a mulher deveria permanecer em casa dedicando-se ao papel de guardiã da moral e dos bons costumes, garantindo seu estado puro. O fato de ficar restrita ao lar era por ser considerada inferior ao homem no que diz respeito à inteligência e ao raciocínio, sob o argumento de que a mulher era movida unicamente pela emoção. Devido a isso foi denominada por Comte, de *sexo afetivo*, sendo a representação da mais pura emoção. E, uma vez que são os sentimentos que determinam sua ação era considerada irracional, tinha que ser protegida pelo homem. Tal discurso demarcava o espaço do homem e da mulher na família e na sociedade, tendo ele como o senhor supremo e ela como subalterna.

Os poetas retratavam com precisão as características atribuídas ao intitulado *sexo frágil*, transformando as mulheres em verdadeiros bibelôs, que deveriam ser guardados com todo o cuidado, como podemos perceber nos versos de Marcelo Gama:

Leve, frágil, mignone, e que não anda esvoaça
toda a alegria e moda e aroma e garridices,
esta - capricho estético e graça faz-me pensar em gulodices (GAMA, 1914:125).

As mesmas características aparecem na crônica de *Chevalier de La Lune*, afirmando que as mulheres não foram feitas para o trabalho externo e muito menos para se envolver em questões políticas e de cooperativas, mas foram criadas para se embonecar para o marido e embelezar a casa (LA LUNE, 1913: 2).

A mulher não podia se envolver em assuntos considerados do homem, como a política e economia, porque não possuía aptidão para isso, devido a sua emoção exagerada que a impossibilitava de pensar antes de agir, era de grande impulsividade. Muitas vezes ela usava desta característica para conseguir o que queria através da chantagem emocional ocasionando delíquio, choros convulsivos e bater os pés como criança.

Se nos reportarmos à tradição judaico-cristã retomada pelos inquisidores Kramer e Sprengler no *Malleus Maleficarum*, encontramos Eva, a grande pecadora, como o arquétipo primordial de todas as mulheres, criada a partir de um osso torto. Segundo os inquisidores, a mulher, por possuir tal natureza, era um ser nocivo ao homem, pois se movia unicamente pelo instinto sexual e devido a isso eram servas do demônio (KRAMER & SPRENGLER, 1991).

Mas aos poucos a Igreja Católica foi mudando seu pensamento e preferiu ter na mulher uma aliada e não uma inimiga, transformou-a na guardiã da fé, desde que cumprisse as determinações quanto a conduta moral, baseadas no modelo de Maria, tendo como seu oposto Eva. Ambas representam as duas faces da Grande mãe, uma boa e a outra má, uma idealizada e a outra verdadeira.

Além de frágil, irresponsável e irracional, a mulher tornou-se assexuada, pois enquanto guardiã da moral teria que manter uma conduta acima dos padrões permitidos ao homem. Deveria ser constantemente vigiada, pois era fácil corromper sua integridade por ser de natureza leviana e, uma vez que se deixasse levar pelo deslize, implicaria em sua desmoralização perante a sociedade, perdendo seu estado de pureza.

Os médicos sanitaristas compartilhavam do mesmo pensamento. Afirmavam que, por causa da procriação, a mulher estava exposta a duas alternativas: poderia torna-se esposa e mãe devotada e com isso enquadrar-se na sexualidade sadia, ou ainda deixar-se levar pelo instinto e tornar-se prostituta, enquadrando-se na sexualidade doente. Segundo o doutor João F. de Souza, a mulher era predisposta à prostituição resultante, entre outras coisas, à sua beleza e à sua passividade na função reprodutora (ENGEL, 1989: 77-78).

Para os positivistas o sexo existe em função da reprodução, por isso a mulher deveria ser destituída de todo e qualquer desejo sexual para que sua pureza fosse preservada através da maternidade. Ser mãe significava cumprir o papel de progenitora, garantindo assim as novas gerações. Nesse aspecto a mulher além de ser comparada ao

símbolo da Virgem-Mãe positivista, Clotilde, também se assemelhava ao arquétipo de Maria, a Virgem-Mãe católica, pois ambas reuniam a pureza e a ternura, atributos que as divinizavam.

A maternidade e especialmente a gravidez, esse estado realmente interessante, essa fecunda floração genética, esse amoroso fruto do paradisíaco furto do fruto proibido, esse embrionário feto do resgatado pecado original, como que diviniza a mulher, coroando-a de uma divina coroa, envolvendo-a de um ninho celestial que a torna muitas vezes santa (CASTRO, 1921: 39).

Muitas vezes o estado de pureza era mantido através do sacrifício, pois quando o marido tivesse suas crises, quando bebesse e a agredisse, a esposa deveria sofrer em silêncio, sem nunca reclamar. O sacrifício da mulher por sua família era valorizado e difundido nos livros e palestras positivistas (MENDES, 1908: 39).

Era necessário para os positivistas, tornar a mulher um ser assexuado, porque a imagem de mulher-objeto a afastava do papel de mãe tornando-a egoísta e fútil. Esforçavam-se em divulgar os modelos de *rainha do lar e anjo tutelar*, afirmando que ser mãe era o maior compromisso que a mulher tinha para com a sociedade, só assim cumpriria seu verdadeiro papel.

Mas não quer dizer que não devesse cuidar da aparência, podia se enfeitar com moderação para o seu marido, mas sempre mantendo o caráter puro de anjo, que como tal não possuía sexo. Tinha que ser uma criatura sem vontade própria, desprovida do desejo sexual e submissa ao marido, ao qual devotava-se por completo, sem restrições. Deveria guardar e proteger o lar, exercer o papel de “anjo tutelar”.²

² Os anjos são a corte, a morada e o exercito de Deus, obedecem a uma hierarquia celeste bastante rígida. São seres espirituais que se fazem presentes no Antigo e no Novo Testamento, sendo que no apocalipse são personagens bastante freqüentes. No decorrer do tempo os anjos sofreram alterações em sua imagem e atributos, sendo que tais elementos acrescidos são fruto do imaginário do popular. Devido a esse caráter a teologia moderna os considera símbolos fruto de lendas, fábulas e fantasias infantis. São os intermediários entre deus e mundo, tendo o papel de executar as ordens do senhor, transmitindo os sinais do sagrado, as advertências e punições. Os três principais arcanjos são: Miguel, vencedor dos demônios; Gabriel, mensageiro e iniciador; Rafael, guia dos médicos e viajantes. Aparece também com uma certa freqüência o nome de Uriel, como um dos príncipes angélicos, sua origem advém do judaísmo tardio. Existem os querubins e serafins que não são originalmente anjos, mas tornaram-se posteriormente. No judaísmo tardio também de outros seres celestes, as Virtudes, as Potestades, os Principados, as Dominações e os Tronos. A apresentação dos arcanjos na Sagrada Escritura e nas obras do período da Contra-Reforma era a bélica, ou seja, todos possuíam armadura para lutar contra os inimigos da fé. Essa forma esta dentro da autocompreensão tridentina que propunha o ideal da guerra santa através da catequização levando a cristandade para os pagãos. Portanto o discurso catequético dos padres jesuítas no período da colonização dos povos era universalista, dogmático e guerreiro. A imagem do anjo guerreiro muda com o passar do tempo, busca-se a postura de protetor e intermediário dos homens perante Deus. Isso se dá a mudança o pensamento cristão, que deixa de lado a postura guerreira para ocupar-se da

Os positivistas a consideravam a expressão máxima do amor e, amar estava relacionado com o ato de obedecer. Obedecia ao pai e após o casamento o marido, do qual passava a depender. Amar significava anular-se em favor de seus entes queridos, exercendo o seu dever de guardiã da moral e cumprindo as exigências que lhe eram feitas.

A mulher tinha que ser submissa, pois existia todo um condicionamento moral e simbólico que determinava suas ações. Ela não possuía alternativas, se não fosse mãe dedicada e esposa obediente, cairia em profunda desgraça e o seu erro não seria perdoado. Carregaria a eterna mácula de ter saído dos padrões considerados normais pelos positivistas. Sua consciência e a sociedade sempre a condenariam por ter perdido seu estado de pureza.

A sociedade era mais condescendente com o homem, pois vivia exposto ao mundo público e fora educado para nele atuar e poderia ter uma postura moral diferente da mulher. O fato de possuir amantes ou de levar uma "vida alegre", em muitos casos era simplesmente ignorado pela sociedade. Era o resquício da dupla moral existente desde o Brasil colonial, que por um lado reprimia e vigiava a mulher e por outro, dava liberdade e tratamento diferenciado ao homem.

Frágil, sentimental, obediente e pura, estes eram os atributos da *rainha do lar* e do *anjo tutelar*. Representavam a imagem da perfeição feminina e foram amplamente reverenciados e difundidos pelos positivistas. Esses modelos exemplares tinham que ser seguidos por todas as mulheres, independente de sua condição social, pois para Comte o *anjo deve ser invocado como protetor e modelo* (COMTE, 1988: 120).

Para que as moças desempenhassem com perfeição o papel que lhes cabia, recebiam alguns conhecimentos básicos, principalmente as chamadas prendas domésticas, tais como costurar, bordar, fazer rendas e os serviços da casa, que lhes eram transmitidos por suas mães. Quando fossem para a escola aprenderiam essas matérias, oferecidas no currículo normal, além de tocar instrumentos musicais, como violino, acordeom e piano. Muitas escolas da época tinham em seu programa estas atividades e foram criadas escolas especiais para desenvolver exclusivamente tais trabalhos.

condução do rebanho. O arquétipo continua sendo o mesmo, ocorreu uma alteração no símbolo para acompanhar o discurso do período.

Além das escolas direcionadas às jovens das camadas mais abastadas, haviam algumas voltadas para meninas de origem humilde. Nessas, as aulas eram gratuitas e ministradas por senhoras da elite rio-grandense. Era uma maneira de levar a todos os seguimentos sociais os modelos de mulher imposto pelo Positivismo e ao mesmo tempo mobilizar obras de caridade.

Assim como os positivistas, a Igreja preocupava-se com a formação para as jovens feita através das associações das Filhas de Maria e as casadas reuniam-se no sagrado coração de Maria. Essas associações eram direcionadas ao ensino dos dogmas cristãos, e enfatizar o papel que a mulher ocupava na sociedade, limitando e controlando a sexualidade, conservador construído a partir da imagem de Maria.

Além das lidas domésticas cabia à mãe a educação dos filhos, pois era um dos compromissos assumidos no ritual do casamento positivista e os iniciados na doutrina constantemente reforçavam a importância dessa missão feminina, que preparava as meninas para ser futuras mães e os meninos para se tornarem grandes homens e futuros gênios (MENDES, 1908:15 e 33).

As mulheres deveriam educar seus filhos nos princípios da moral e do civismo, tendo como base a História, a "grande mestra da vida", porque os vultos do passado, heróis e grandes homens, que serviam como exemplos de vida e de conduta às novas gerações. A esses homens eram, construímos monumentos e túmulos com o objetivo de preservar sua memória e de educar os jovens e toda a sociedade através da arte, teatro e estatuária fachadista e funerária.

Sendo considerada uma educadora por natureza, a mulher poderia exercer a profissão de professora, orientando os alunos como se fossem seus próprios filhos. A professora trabalhava em escolas, casas particulares ou em suas próprias casas, ou seja, sempre em ambientes fechados que a protegesse. Muitas mulheres desistiram de ser *rainha do lar* e de constituir família para se dedicar unicamente ao magistério.

A que optasse por ficar solteira, era muitas vezes mal vista pela sociedade, pois estaria deixando de cumprir sua função de progenitora, e com isso perderia sua pureza espiritual, ficando desprotegida e exposta aos males da vida. Isso acontecia porque o lugar da mulher era dentro do lar cuidando de seus entes ou afazeres. Se ficasse solteira estaria fora dos padrões pré-estabelecidos. Mas se decidisse dedicar-se unicamente ao magistério,

ensinando as crianças como se fossem seus próprios filhos, resgatava o estado de pureza no papel de mãe-educadora. Com esta escolha, não sofria discriminação.

Porém o casamento era estimulado por ser o alicerce da organização social e por prescrever o controle e a submissão da mulher.

O laço matrimonial era um vínculo tão forte que deveria ser mantido até depois da morte do marido, pois existia a *lei da viuvez eterna* que regulava a vida das viúvas através de normas de conduta estabelecidas por Comte: ficar fiel ao marido, cultuando-o e chorando eternamente a separação. Mantendo-se assim, preservaria a sua pureza e a moral do falecido, e como resultado de seu recato, manteria a família estruturada. Caso não seguisse essas normas, a moral seria manchada, causando a ruína de seu lar. A viuvez era um meio de resgatar o caráter divino de anjo, perdido com a vida sexual durante o casamento. O homem viúvo, ao contrário, poderia casar-se novamente, porque precisava de outra *rainha do lar* para cuidar da casa, dos filhos e dele mesmo.

O lar era considerado o santuário da mulher, onde inspirava o marido e os filhos no culto privado positivista. A participação feminina na sociedade ficava restrita aos grupos de caridade e os saraus culturais.

A mulher também podia exercer a profissão de costureira, uma vez que aprendia a técnica do corte, da costura e do bordado para confeccionar seu próprio enxoval. Era uma atividade vista com "bons olhos", desde que o local de trabalho fosse no lar ou em respeitáveis ateliês de costura.

Podemos concluir que a *rainha do lar* tinha como funções principais procriar e criar seus filhos, cuidar do marido respeitando sempre suas exigências e administrar a casa. O *anjo tutelar* deveria cuidar da educação das crianças, servir de musa para inspirar o marido e os filhos a serem homens honrados e a praticar o culto privado, mantendo presente às idéias positivistas. Ambos os modelos deveriam zelar pela moral da família, conservando sempre o estado puro, além de doarem-se por completo, anulando suas próprias vidas, e seriam gratificadas ao ver seus filhos crescidos e cidadãos dignos.

Difundida em discursos simbólicos, a doutrina de Auguste Comte moldou posturas de conduta feminina que deveriam ser seguidas pela mulher de todos os segmentos sociais. Que por um lado enalteciam os modelos de *rainha do lar* e *anjo tutelar*,

inspirados no símbolo de Clotilde de Vaux e, por outro lado, estabeleciam o oposto, o de Caroline Massin, representação da mulher leviana e sem moral. As idéias comteanas baseavam-se em arquétipos femininos herdados de uma mentalidade conservadora que nos mostra a influência da tradição judaico-cristã na figura da Virgem Maria, o modelo de todas as virtudes, e na de Eva, a representação de todos os pecados.

O discurso positivista, ao mesmo tempo em que elegeu a mulher sua grande guardiã, reforçou a mentalidade baseada na moral conservadora e tinha como objetivo tirar a mulher do campo profissional e científico, enclausurando-a em sua própria casa, alegando que era irracional e não tinha controle de seus impulsos. Somente presa ao lar e tutelada pelo homem, poderia exercer uma influência positiva.

Portanto o Positivismo funcionou como agente moralizador da sociedade e que ao mesmo tempo, foi o seu reflexo na medida que os símbolos que impunha vinham ao encontro de uma mentalidade conservadora mantida através dos anos pela tradição judaico-cristã, que dava ao homem a superioridade e o reinado do espaço público, enquanto que a mulher era a inferioridade, por ter propensão à leviandade. Uma vez que suas raízes eram fundamentadas no arquétipo primordial de Eva, devia ser mantida no espaço privado para resguardar sua pureza. Mas por outro lado não podemos esquecer que a sociedade era heterogênea, e que uma parcela bastante significativa não comungava com esses pressupostos, impostos pelos conservadores positivistas e católicos.

A educação feminina durante a República Velha sofreu um grande retrocesso, tanto na questão do ensino, como na preparação da mulher para o campo profissional, pois o Positivismo legitimou o conservadorismo rio-grandense, impondo um discurso bastante eficiente, difundido por seus seguidores, que resgatou as imagens que norteavam os modelos de conduta moral feminino presentes em toda a História da Humanidade.

Bibliografia

CASTRO, A. R. Gomes. *A Mulher*. Rio de Janeiro: Igreja do Apostolado Positivista no Brasil, 1921.

COMTE, Auguste. *Catecismo Positivista*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

ENGELS, Magali. *Meretrizes e Doutores. Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FLORES, Hilda. Original Contrato de Casamento. In. *Presença Literária Feminina 1994*. Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1994.

GAMA, Marcelo. *Mulheres ...* Porto Alegre: Almanaque do Globo, 1914.

HINO AO AMOR. 2ª ed, Rio de Janeiro: Igreja do Apostolado Positivista no Brasil, 1902.

ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: A Moral e o Imaginário 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ISMÉRIO, Clarisse. *Igreja e Nacionalismo: O Movimento Renovador da Cristandade (1930-1945)*. [Tese de doutorado]. Porto Alegre: PUC-RS, 1999.

LA LUNE, Chevalier de. *Uma Crônica*. Porto Alegre: Revista Kodak, 1913.

LEAL, Joaquim Bagueira. *A Mulher*. Rio de Janeiro: Demétrio do Rego Lemos, 1921.

KRAMER, Heirich & SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras (Malleus Maleficarum)*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

MENDES, R. Teixeira. *A Preeminência Social e Moral da Mulher*. Rio de Janeiro: Igreja do Apostolado Positivista no Brasil, 1908.

PIO XI. *CASTII CONUBII*. Rio de Janeiro: Vozes, 1951.

RAGO, Margareth. *DO CABARÉ AO LAR. A Utopia da Sociedade Disciplinar*. Brasil: 1890-1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Artigo: Recebido em 29/11/06 e Aprovado em 03/01/07.